REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NAS PESQUISAS E PRODUÇÃO ACADÊMICA: análises de um estado do conhecimento

EDUCACIÓN MATEMÁTICA EN LAS INVESTIGACIONES Y PRODUCCIÓN ACADÉMICA: análisis de un estado del conocimiento

MATHEMATICS EDUCATION IN RESEARCH AND ACADEMIC PRODUCTION: analyses from a state of knowledge

Luís Antônio Souza Pascual[1]
Rochele da Silva Santaiana[2]

Resumo
Este artigo apresenta um Estado do Conhecimento acerca das pesquisas brasileiras que articulam a Educação Matemática com discursos de governamentalidade, análise do discurso e processos de subjetivação, no período de 2016 a 2024. Fundamentado na perspectiva foucaultiana, o estudo problematiza como a matemática, para além de conteúdo disciplinar, opera como dispositivo de poder e verdade, atravessando práticas escolares e a constituição de sujeitos. A metodologia envolveu o mapeamento de teses, dissertações e artigos nas bases da CAPES e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a partir dos descritores "análise do discurso", "educação matemática", "Foucault" e "neoliberalismo". Após a aplicação de filtros de exclusão, foram analisadas 15 produções acadêmicas, que evidenciam a presença de discursos normativos sobre avaliação, memorização, evasão, currículo, práticas docentes e competições escolares. Os resultados revelam que tais discursos, mesmo quando se apresentam como emancipadores, podem reforçar dinâmicas de controle, exclusão e adaptação a racionalidades neoliberais, ainda que também abram espaços para resistências e contracondutas. Conclui-se que a Educação Matemática pode ser compreendida como prática discursiva atravessada por jogos de verdade que influenciam tanto a formação docente quanto a experiência dos estudantes. O mapeamento permite identificar lacunas e tensionamentos no campo, destacando a relevância de investigações que articulem currículo, governamentalidade e subjetivação no contexto educacional contemporâneo.

Palavras-chave: Educação Matemática. Governamentalidade. Análise do discurso. Subjetivação.

[1] Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Professor na E.E.B. Professora Erica Marques. E-mail: luis-apascual@educar.rs.gov.br
[2] Docente Adjunta, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). E-mail: rochele-santaiana@uergs.edu.br

Como referenciar este artigo:
PASCUAL, Luís Antônio Souza; SANTAIANA, Rochele da Silva. Educação matemática nas pesquisas e produção acadêmica: análises de um estado do conhecimento. **Revista Pedagógica,** Chapecó, v. 27, e8737, 2026. DOI: http://doi.org/10.22196/rp.v22i0.8737

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

Resumen
Este artículo presenta un Estado del Conocimiento sobre investigaciones brasileñas que articulan la Educación Matemática con discursos de gubernamentalidad, análisis del discurso y procesos de subjetivación en el período de 2016 a 2024. El estudio se fundamenta en la perspectiva foucaultiana, especialmente en los conceptos de discurso, gubernamentalidad y subjetivación. Metodológicamente, se desarrolló un Estado del Conocimiento con el propósito de mapear y analizar producciones académicas en el campo de la Educación Matemática que movilizan análisis discursivos o perspectivas foucaultianas. Para ello, se realizaron búsquedas en el Catálogo de Tesis y Disertaciones de CAPES y en la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD). A partir de los criterios de selección definidos, se analizaron quince producciones académicas. Los resultados evidencian que los discursos sobre evaluación, currículo, prácticas pedagógicas y racionalidades económicas operan como tecnologías de gobierno que producen formas específicas de relación con el saber matemático. Asimismo, algunas investigaciones señalan movimientos de resistencia y posibilidades de pluralización de los saberes matemáticos en el contexto escolar.

Palabras clave: Educación matemática. Gubernamentalidad. Análisis del discurso. Subjetivación.

Abstract
This article presents a State of Knowledge study on Brazilian research that articulates Mathematics Education with discourses of governmentality, discourse analysis and processes of subjectivation between 2016 and 2024. The study is grounded in a Foucauldian perspective, particularly drawing on the concepts of discourse, governmentality and subjectivation. Methodologically, a State of Knowledge study was conducted to map and analyze academic productions in the field of Mathematics Education that mobilize discourse analysis and/or Foucauldian approaches. Searches were carried out in the CAPES Theses and Dissertations Catalog and in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD). Based on the defined selection criteria, fifteen academic works were analyzed. The results indicate that discourses related to evaluation, curriculum, pedagogical practices and economic rationalities operate as technologies of government that shape specific ways of relating to mathematical knowledge. At the same time, some studies point to movements of resistance and possibilities for pluralizing mathematical knowledge in school contexts.

Keywords: Mathematics education. Governmentality. Discourse analysis. Subjectivation.

Introdução

O presente trabalho se trata de uma parte da pesquisa de mestrado em andamento, a qual toma como eixo de análise os discursos sobre a matemática, compreendidos a partir da perspectiva foucaultiana e articulados às práticas de governamentalidade no contexto educacional. Como aponta Foucault (2008, p. 246), o discurso não é apenas aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por meio do qual e pelo qual se luta, o poder de que se quer apoderar. A proposta aqui não é tratar da matemática como disciplina em si, mas problematizar

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

os modos pelos quais ela tem sido significada, mobilizada e naturalizada em diferentes práticas pedagógicas e institucionais, configurando regimes de verdade que atravessam a escola e os sujeitos.

Nesse movimento, este artigo apresenta parte do percurso metodológico desenvolvido, especificamente o Estado do Conhecimento, entendido como estratégia fundamental para mapear, categorizar e refletir sobre as produções acadêmicas que dialogam com o tema. Ao iniciarmos as buscas nas bases CAPES e BDTD, observamos um volume expressivo de trabalhos que tangenciam currículo, avaliação e ensino de matemática; no entanto, quando a atenção se volta à articulação entre Educação Matemática, governamentalidade e processos de subjetivação, na perspectiva foucaultiana, as produções se mostram mais restritas e, muitas vezes, dispersas. Essa dispersão acaba dificultando uma leitura de conjunto que evidencie tendências e, principalmente, as implicações pedagógicas e curriculares que os resultados sugerem.

A partir disso, este estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: como os discursos sobre matemática, governamentalidade e subjetivação têm sido tematizados em pesquisas brasileiras no período de 2016 a 2024? O objetivo geral é mapear e problematizar essas produções. Como objetivos específicos, buscamos: (i) identificar tendências temáticas e abordagens teórico-metodológicas mobilizadas; (ii) analisar enunciados predominantes e seus efeitos de verdade nas práticas escolares; e (iii) apontar lacunas e possibilidades de investigação que contribuam para o debate no campo, especialmente no que se refere ao currículo e às práticas de ensino de matemática.

Entendemos que a discussão sobre a matemática se faz presente na cotidianidade das pessoas e perfaz grandes narrativas que circulam no espaço escolar. Como observa Ciríaco (2024), essa presença é recorrente e atravessa a vida diária:

> Concebermos a Matemática como linguagem, esta se faz presente desde a hora em que acordamos até o momento em que vamos dormir, ou seja, suas propriedades são recorrentes em diversas situações diárias e precisamos, com intencionalidade, enaltecer as situações recorrentes na perspectiva de garantirmos o desenvolvimento (Ciríaco, 2024, p.8).

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

Essa presença da matemática na vida cotidiana também ajuda a sustentar uma compreensão importante para o campo da Educação Matemática: a de que a matemática não se reduz a um conjunto neutro de técnicas, mas se constitui como prática cultural e social. Nessa direção, D'Ambrosio (2019) destaca que diferentes formas de matematizar emergem de distintos contextos e modos de vida, tensionando a ideia de uma matemática única e universal. Ao mesmo tempo, Knijnik (2001) problematiza a Educação Matemática nas suas relações com o cultural, o social e o político, apontando que os saberes matemáticos ensinados e legitimados na escola se articulam a disputas, exclusões e regimes de verdade. Em diálogo com a perspectiva foucaultiana, essas contribuições fortalecem a leitura de que os discursos sobre a matemática produzem efeitos sobre as práticas escolares e sobre os modos pelos quais estudantes e professores se constituem como sujeitos nesse espaço.

Considerando a importância de discutirmos as relações entre matemática, discurso e governamentalidade nas produções contemporâneas, organizamos este artigo da seguinte forma: inicialmente apresentamos uma discussão sobre o Estado do Conhecimento e sua pertinência como estratégia de pesquisa; na sequência, descrevemos a metodologia de busca, seleção e composição do corpus; por fim, desenvolvemos uma discussão analítica das pesquisas selecionadas, buscando evidenciar tendências, tensionamentos e lacunas, bem como suas possíveis implicações para pensar currículo, práticas pedagógicas e processos de subjetivação no ensino de matemática.

1 O estado do conhecimento: movimentos de pesquisa

A ruptura com preconceitos, conforme discute Morosini (2015, p. 113), a partir de Quivy e Campenhoudt (2005), é um passo essencial no processo de investigação, permitindo ao pesquisador se distanciar de crenças prévias e reconhecer que o conhecimento é fruto de um esforço coletivo, influenciado por diversas correntes de pensamento e experiências. Este processo se materializou em nossa escrita, uma vez que buscamos avançar de leitura em leitura, de escrita a reescrita neste objetivo de transformar o que iniciou como senso comum, em direção a um conhecimento

ISSN 1984-1566 (on-line)

científico.

As autoras também explicam que o Estado do Conhecimento, EC, é um processo de "identificação, registro e categorização que leva à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica" (Morosini; Santos; Bittencourt, 2021, p. 23). Neste sentido, esta metodologia se faz valiosa para que se possa ter uma visão crítica do tema pretendido.

A importância deste tipo de pesquisa se dá também em relação a uma produção coletiva. Essa abordagem crítica é essencial para a construção de um conhecimento mais robusto e significativo. Nesse sentido, o Estado do Conhecimento se distingue do Estado da Arte ou da Revisão Sistemática, frequentemente utilizados em áreas mais técnicas e biológicas, por seu foco na construção social e na compreensão crítica das práticas discursivas e educativas, como argumentam Morosini; Santos; Bittencourt (2021).

Por isso, este Estado do Conhecimento, fundamentado na metodologia descrita por Morosini, Santos e Bittencourt (2021), pretende percorrer as produções ligadas aos discursos matemáticos e sua relação com o saber-poder, sem se fixar em abordagens dos conteúdos específicos da matemática. O intuito, aqui, é reunir produções inicialmente dispersas e construir, a partir delas, uma síntese interpretativa que permita compreender de modo mais consistente as relações entre saber, poder e discurso no campo da Educação Matemática.

Com essas reflexões, o objetivo principal deste Estado do Conhecimento é a investigação dos discursos matemáticos, presentes nas práticas docentes e nas manifestações de governamento e como estas influenciam a interação entre educadores e alunos.

O Estado do Conhecimento mapeia as produções anteriores, oferecendo uma visão ampla sobre os discursos matemáticos e os impactos da governamentalidade neoliberal. Ao evidenciar recorrências, lacunas e tensionamentos, abre caminhos para novas investigações. Nesse sentido, o trabalho de Barros (2016) contribui para compreender como determinados discursos institucionalizados produzem efeitos de verdade e participam da permanência ou exclusão de sujeitos nos espaços

formativos. Valorizar as contribuições anteriores permite avançar na compreensão das interações entre governamentalidade e Educação Matemática, promovendo uma abordagem mais inclusiva e reflexiva.

1.1 Metodologia do trabalho

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, desenvolvida por meio da estratégia de Estado do Conhecimento (Morosini; Santos; Bittencourt, 2021). Esse tipo de investigação busca identificar, sistematizar e analisar a produção acadêmica sobre determinado tema, permitindo reconhecer tendências investigativas, recorrências temáticas e lacunas no campo científico. No presente estudo, o foco recai sobre teses, dissertações e artigos que, no campo da Educação Matemática, mobilizam análises discursivas e/ou perspectivas foucaultianas para problematizar governamentalidade e processos de subjetivação.

Para o mapeamento das produções, usamos o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES[3]. Utilizamos os descritores "Análise do discurso" AND "educação matemática", "Foucault" AND "análise do discurso" em matemática, e "Matemática e Neoliberalismo". Utilizando estes descritores e critérios de seleção, foram inicialmente encontrados 201 resultados. Para garantir que as obras selecionadas estejam alinhadas com os objetivos da pesquisa, aplicamos os seguintes critérios de exclusão de forma objetiva:

1. Limite temporal: Excluíram-se obras publicadas antes de 2016, a fim de concentrar a análise em estudos mais recentes e alinhados ao recorte temporal definido para a pesquisa.
2. Idioma: Apenas publicações em língua portuguesa foram incluídas, eliminando aquelas em outros idiomas para garantir a consistência linguística e a acessibilidade ao material.
3. Tipologia do documento: foram excluídos registros que não correspondiam a

[3] Um dos maiores acervos científicos virtuais do mundo. O Portal reúne e disponibiliza conteúdos nacionais e internacionais, promovendo o acesso à informação científica de alto nível para instituições de ensino e pesquisa no Brasil. Com uma ampla cobertura temática, a base de dados da CAPES é essencial para a coleta de teses e dissertações, garantindo acesso centralizado e atualizado a materiais relevantes para nosso estudo. Esses dados são do manual do Sistema AdminIP da CAPES (2021).

teses, dissertações ou artigos acadêmicos (por exemplo, relatórios, materiais de divulgação ou documentos sem validação acadêmica formal), buscando garantir maior consistência ao corpus analisado.

4. Fora do escopo: Trabalhos que, embora utilizassem os descritores, não abordavam diretamente os temas centrais da pesquisa, como governamentalidade e discursos sobre a matemática na educação, foram eliminados.

Após a aplicação desses critérios, o número de estudos relevantes foi reduzido para 70, facilitando a seleção de materiais que atendiam aos objetivos do trabalho. Em seguida, realizou-se uma leitura de títulos e resumos, a partir da qual foram inicialmente selecionados 6 estudos com maior aderência temática à investigação. No entanto, após a leitura mais detalhada, verificou-se que três desses registros correspondiam a artigos derivados de dissertações ou teses já selecionadas. Optou-se, portanto, por manter apenas os trabalhos de maior densidade analítica, resultando em três produções provenientes do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES que compuseram o corpus final desta etapa da pesquisa.

Além da Capes, também utilizamos a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) como fonte de pesquisa. A escolha da BDTD se justifica pela sua ampla abrangência, que inclui trabalhos de diversas instituições brasileiras, e pela padronização dos metadados, conforme destacado no manual do usuário da plataforma (IBICT).

Conforme ressaltado por Morosini, Santos e Bittencourt (2021), a mudança foi fundamental para garantir a padronização e a completude das informações nas publicações acadêmicas, facilitando o acesso e a consistência dos dados.

> A partir de 2016, os documentos presentes na BTD, bem como os metadados da publicação, estão vinculados à Plataforma Sucupira, sendo que algumas teses e dissertações defendidas antes podem não apresentar as informações completas, tais como resumo, palavra-chave e o arquivo da publicação, obrigando a acessar a biblioteca da IES de origem (Morosini; Santos; Bittencourt, 2021, p. 39).

Assim, realizamos um recorte temporal das produções de teses e dissertações entre 2016 e 2024, utilizando os mesmos descritores aplicados anteriormente. A

ISSN 1984-1566 (on-line)

centralização das informações em um único local, como resumos, palavras-chave e arquivos completos, permite uma pesquisa mais eficiente e integrada, evitando a necessidade de consultar diversas fontes físicas. Após a busca inicial, foram encontrados um total de 530 estudos. Após a aplicação dos filtros de exclusão, restaram 407 trabalhos para análise preliminar. A partir desse conjunto, procedeu-se à leitura de títulos e resumos, considerando especialmente a proximidade temática com os objetivos da pesquisa e com os descritores utilizados. Essa etapa permitiu identificar as produções mais diretamente relacionadas à articulação entre Educação Matemática, discurso, governamentalidade e processos de subjetivação, compondo o corpus final analisado neste Estado do Conhecimento.

É importante destacar que, como todo Estado do Conhecimento, este estudo apresenta algumas limitações. A seleção das produções dependeu dos descritores utilizados e das bases de dados consultadas, o que pode ter deixado de fora pesquisas que abordam temáticas semelhantes utilizando outros termos. Além disso, o recorte temporal e linguístico adotado buscou delimitar o campo investigado, mas também restringe o universo de análise. Ainda assim, entende-se que o conjunto de produções selecionadas permite visualizar tendências relevantes nas pesquisas brasileiras que articulam Educação Matemática, discurso e governamentalidade.

A partir desse processo de busca, seleção e leitura analítica das produções, foi possível identificar tendências, aproximações teóricas e recorrências temáticas nas pesquisas selecionadas. A seção a seguir apresenta uma discussão interpretativa dessas produções, organizada em eixos analíticos que emergiram do próprio material examinado.

1.1.1 O que evidenciam as pesquisas e produções acadêmicas

Para realizar uma triagem inicial dos 407 trabalhos encontrados, adotamos o seguinte critério de seleção parcial: priorizamos obras cujo título mencionava explicitamente termos como “análise do discurso”, “pós-estruturalismo”, “governamentalidade” ou conceitos de Michel Foucault, especialmente no contexto da educação matemática. Além dos descritores, o foco foi direcionado para trabalhos que apresentavam uma ligação direta com esses temas ou com a prática

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

educacional. Após a aplicação desses critérios, o número foi reduzido para 87 trabalhos. Para selecionar, dentre esses 87, aqueles que iriam compor o Estado do Conhecimento, foram lidos com maior foco os resumos, buscando-se uma aproximação com critérios já apresentados, como relevância ao estudo de governamentalidade e discursos educacionais. Após essa leitura, foram selecionados 12 estudos que atendem aos critérios estabelecidos e são pertinentes à investigação em questão. Com isso, o Estado do Conhecimento passa a ter um total de 15 obras.

Com essa abordagem metodológica esperamos que este estudo ofereça uma visão atualizada e crítica sobre os discursos da matemática e das práticas de governamentalidade neoliberal no contexto educacional brasileiro, contribuindo para uma melhor compreensão do tema em análise.

O quadro 1 apresenta um detalhamento da busca realizada nas bases de dados da CAPES e BDTD, evidenciando a diversidade de descritores utilizados para identificar estudos relevantes sobre a relação entre a análise do discurso, a educação matemática e o neoliberalismo.

Quadro 1: levantamento das teses e dissertações (CAPES e BDTD)

Busca	**Descritores**	**Teses, Dissertações e Artigos encontrados**		
		Total sem filtros	Após os critérios de exclusão	Selecionados
Capes	"Análise do discurso" and "educação matemática"	90	34	0
Capes	Foucault e "análise do discurso" em matemática	69	18	3
Capes	Matemática e Neoliberalismo	42	21	0
BDTD	"Análise do discurso" and "educação matemática"	344	271	7
BDTD	Foucault e "análise do discurso" em matemática	72	50	3
BDTD	Matemática e Neoliberalismo	114	86	2
		530	407	15

Fonte: Autores (2024).

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

Quadro 2: levantamento das teses e dissertações (CAPES e BDTD)

Ano	Autores	Títulos	Instituição/Tipo
2016	André M. E. Barros	Efeitos de poder e subjetivação dos discursos de evasão de cursos de licenciatura em matemática do IFRS	UCS / Dissertação
2017	Deise M. X. B. Souza; Márcio A. da Silva	Prática Avaliativa de Matemática: um dispositivo pedagógico de subjetivação	UFRGS / Artigo
2017	Fernando H. F. Carneiro	O ensino da matemática para alunos surdos bilíngues	UFRGS / Dissertação
2017	André A. L. Santos	Repetição, silêncio, concentração, organização: articulações entre disciplina-corpo e disciplina-saber (matemática) no Colégio Feliciano Nunes Pires	UFSC / Dissertação
2017	Delci H. Klein	IDEB e Maquinarias: a produção, a quantificação e a expressão da qualidade da educação brasileira	UFRGS / Tese
2019	Júlio C. G. Oliveira; Márcio A. da Silva	O estudante desejável constituído pelo discurso da educação matemática crítica	UFMS / Artigo
2019	Alice S. T. Sartori	As práticas de memorização no ensino de matemática	UFSC / Tese
2019	Fernanda Longo	A docência em matemática nos anos iniciais	UFRGS / Dissertação
2020	Daniella T. S. da Silva	Enunciados que permeiam a permanência e a não permanência de alunos no curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS	UFRGS / Dissertação
2020	Juliana B. P. Santos	Etnomatemática e história da matemática: movimentos de contraconduta na educação básica	PUCRS / Tese
2021	Genilson V. da Silva	Uma investigação sobre o discurso do professor de Matemática	UEPB / Dissertação
2022	Paula C. Bacca	Dispositivo estatístico educacional: uma quali-quantificação da Educação Matemática	UFSC / Tese
2023	Leticia D. Kuhn	As contribuições do ensino de matemática para a manutenção do sistema capitalista	PUCRS / Dissertação

2023	Patrícia L. da Silva	Entre olimpíadas de Matemática e exercícios: exercit(ações)² de um estudante-egiptólogo	UFRGS / Tese
2023	Camila A. L. Coradetti Manoel	Discursos econômicos e currículos brasileiros de matemática: racionalidades para o homo oeconomicus (Tese)	UFMS / Tese

Fonte: Autores (2024).

Os quadros anteriores buscaram apresentar, de forma detalhada, os trabalhos selecionados para a pesquisa, organizados por tipo (teses, dissertações e artigos) e base de dados (CAPES e BDTD). O objetivo é que essa organização permita uma visualização clara dos estudos que compõem o corpus da pesquisa e facilite a identificação de autores, títulos, instituições e anos de publicação.

Ao passar da listagem para a discussão analítica, buscamos evitar uma leitura apenas sucessiva dos estudos. Embora investiguem objetos distintos, as pesquisas selecionadas se aproximam ao mobilizar a perspectiva foucaultiana e/ou análises discursivas para problematizar como discursos sobre a matemática produzem regimes de verdade no contexto educacional, regulam práticas e participam da constituição de sujeitos no espaço escolar.

A partir da leitura do conjunto das 15 produções, organizamos a discussão em quatro eixos problematizadores: (1) avaliação, quantificação e produção de trajetórias como tecnologias de governamento; (2) currículo e racionalidades econômicas na Educação Matemática; (3) resistências, contracondutas e pluralização dos saberes matemáticos; e (4) discursos pedagógicos, práticas docentes e disciplinamento do ensinar/aprender. Essa organização não pretende encaixar rigidamente cada pesquisa, mas oferecer uma chave de leitura que permita comparações, aproximações e sínteses.

Eixo 1 — Avaliação, quantificação e produção de trajetórias: tecnologias de governamento

No primeiro eixo, reunimos estudos que evidenciam como avaliações,

indicadores e discursos sobre desempenho, permanência e sucesso escolar/universitário operam como dispositivos de normalização. Nesse horizonte, o estudo "O Estudante Desejável Constituído pelo Discurso da Educação Matemática Crítica", de Júlio César Gomes de Oliveira e Márcio Antonio da Silva (2019), investiga como a Educação Matemática Crítica (EMC) constrói um ideal de estudante cidadão, crítico e socialmente engajado.

A análise de Oliveira e Silva (2019) sobre como a EMC molda a subjetividade dos estudantes, configurando-os como desejáveis dentro de um ideal normativo, contribui para compreender como regimes de verdade presentes na EMC podem reproduzir práticas de governamento. Embora a EMC vise à transformação social, ela pode, inadvertidamente, estabelecer padrões de conduta que influenciam a subjetivação dos alunos de maneira normativa, de forma semelhante às dinâmicas exploradas no ensino da matemática.

A pesquisa de Souza e Silva (2017) investiga como a prática avaliativa em matemática molda as identidades de professores e alunos. Com base na teoria de Foucault, os autores mostram que a avaliação escolar não se limita a medir a aprendizagem, mas atua como dispositivo de poder, classificando, normatizando e regulando comportamentos. A análise das narrativas de uma professora experiente revela que, ao estabelecer critérios e hierarquias, a avaliação restringe autonomia e diversidade na sala de aula, consolidando práticas pedagógicas pouco inclusivas.

Segundo Souza e Silva, as práticas avaliativas configuram identidades e hierarquias, delimitando modos de ser aluno e professor. Ao funcionar como ferramenta de governamento, a avaliação regula condutas e sustenta uma estrutura de poder escolar, evidenciando como regimes de verdade se consolidam e moldam a percepção e subjetivação de professores e alunos.

Na tese *Dispositivo estatístico-educacional*, Paula Cristina Bacca (2022) mostra como os números, principalmente os das avaliações em larga escala, acabaram virando uma espécie de verdade oficial sobre a educação. Ela argumenta que esses dados não só informam, mas criam realidades, constroem a ideia de fracasso, ditam políticas e influenciam o jeito como a escola funciona.

Essa leitura permite compreender que os números, nesse contexto, não atuam apenas como medidores, mas como dispositivos que produzem classificações,

expectativas e modos de nomear "sucesso" e "fracasso". Assim, a quantificação passa a organizar políticas e práticas escolares, fabricando verdades sobre a educação e, ao mesmo tempo, subjetivando os sujeitos que circulam por essas redes.

Ainda no horizonte da quantificação, a tese de Delci Heinle Klein (2017), *IDEB e maquinarias: a produção, a quantificação e a expressão da qualidade da educação brasileira*, toma o IDEB como foco empírico e pergunta pelas condições de possibilidade para que esse índice se instituísse e pelas "maquinarias" por meio das quais intervém na escola em direção às metas do PNE 2014–2024. A autora evidencia que a "qualidade", quando traduzida em número, não apenas descreve a escola, mas cria comparações, metas e regimes de responsabilização, operando como tecnologia de governamento. Nessa direção, o IDEB aparece como dispositivo que orienta políticas, reorganiza condutas e produz sujeitos engajados na busca do cumprimento das metas, reforçando racionalidades de desempenho que atravessam o cotidiano escolar.

O estudo *Efeitos de Poder e Subjetivação dos Discursos de Evasão de Cursos de Licenciatura em Matemática do IFRS* (2016), de André Matias Evaldt de Barros, investiga os discursos sobre evasão em cursos de Licenciatura em Matemática nos campi Bento Gonçalves e Caxias do Sul do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). A pesquisa busca identificar os efeitos de poder e subjetivação desses discursos e como impactam tanto o perfil dos alunos que permanecem quanto dos que evadem. Com base nas teorias genealógicas de Michel Foucault, Barros (2016) desconstrói discursos naturalizados sobre evasão e questiona os sistemas de verdade que sustentam interpretações e práticas institucionais, revelando como esses discursos influenciam a identidade e a permanência dos estudantes.

Central à análise de Barros estão os conceitos foucaultianos de regimes de verdade, disciplina e biopoder, que permitem examinar como os discursos institucionais e as percepções de docentes e discentes moldam comportamentos e influenciam a estrutura dos cursos. A metodologia inclui análise documental e entrevistas com professores e estudantes, além de documentos institucionais, como o Projeto Pedagógico Institucional e os Projetos Pedagógicos dos Cursos. Os

ISSN 1984-1566 (on-line)

discursos sobre evasão são interpretados como dispositivos de poder que classificam, normatizam e controlam os alunos, retratando dificuldades do curso e o comprometimento do aluno como justificativas para sustentar processos de normalização que selecionam certos perfis enquanto excluem outros.

A obra de Barros, sobre os discursos de evasão em cursos de Licenciatura em matemática, revela como as interpretações institucionais impactam as subjetividades e as decisões dos alunos. Nesse sentido, evidencia como discursos naturalizados sobre "sucesso" e "comprometimento" produzem regimes de verdade que moldam condutas e identidades. O estudo de Barros contribui para a análise dos discursos sobre a matemática como ferramentas de controle, mostrando como certas verdades institucionalizadas podem influenciar a permanência ou exclusão de determinados perfis de estudantes.

Essa questão do que faz um sujeito permanecer ou não em determinados espaços, e como os discursos influenciam esse movimento, aparece de outra forma na pesquisa de Daniella Thiemy Sada da Silva (2020), que também se debruça sobre trajetórias de licenciandos em matemática.

Na dissertação de Daniella, o que se investiga são os motivos que fazem os alunos de Licenciatura em Matemática na UFRGS permanecerem ou desistirem do curso. Ela analisa essas trajetórias com base na Análise do Discurso, usando Foucault como referência, e parte dos relatos dos próprios estudantes, tanto de estudantes que permanecem no curso quanto daqueles que dele se desligaram, buscando compreender os elementos que atravessam essas decisões.

A pesquisa articula questionários online, entrevistas e também dados fornecidos pelo Instituto de Matemática e Estatística (IME). Esse cruzamento permite que a evasão não decorre apenas de dificuldades individuais ou falta de interesse, mas também de um conjunto de discursos que produzem expectativas sobre o que significa ser "bom" em matemática, ter perfil para a docência ou corresponder ao ideal de um "bom" aluno de licenciatura, influenciando, assim, trajetórias de permanência e evasão.

O estudo mostra que os alunos percebem que o jeito que o curso é organizado, a estrutura das disciplinas e até a forma como se cobra desempenho, tudo isso impacta na decisão de continuar ou não. Como ela mesma escreve, a ideia

ISSN 1984-1566 (on-line)

é "compreender de que maneira os estudantes enunciam seus percursos no curso, os atravessamentos que vivenciam e as condições de possibilidade de permanência ou evasão" (Silva, 2020, p. 16). Ou seja, não é só uma questão de escolha individual, mas de como esses sujeitos são colocados dentro de certos lugares, expectativas, normas.

Esse trabalho dialoga com as discussões do campo ao evidenciar que os discursos em torno da matemática criam "filtros" que não são apenas pedagógicos, mas também subjetivos: eles afetam o modo como estudantes se percebem capazes (ou não) e se sentem pertencentes (ou não) a determinados espaços de formação. Assim, permanência e evasão podem ser compreendidas não só como decisões individuais, mas como efeitos de regimes de verdade que atravessam a trajetória escolar e universitária.

Em conjunto, os estudos deste eixo evidenciam que a normalização no ensino de matemática não se produz apenas pelo conteúdo, mas por dispositivos que classificam, comparam e atribuem sentidos ao "bom desempenho" e ao "perfil adequado". Avaliação, quantificação e discursos sobre permanência/evasão operam como tecnologias de governamento: regulam condutas, produzem hierarquias e influenciam a forma como sujeitos se percebem capazes (ou não) de ocupar determinados lugares. A seguir, deslocamos o olhar para pesquisas que aproximam matemática, currículo e racionalidades econômicas mais amplas.

Eixo 2 — Currículo e racionalidades econômicas na Educação Matemática

Neste eixo, o foco recai sobre pesquisas que aproximam matemática, capitalismo/neoliberalismo e currículo, evidenciando como determinadas racionalidades econômicas atravessam o que se ensina, como se ensina e que tipo de sujeito se pretende produzir. É nesse horizonte que se insere a dissertação de Leticia Diello Kuhn (2023), que passa a olhar diretamente para as relações entre ensino de matemática e manutenção do sistema capitalista.

Na dissertação *As Contribuições do Ensino de Matemática para a Manutenção do Sistema Capitalista*, Kuhn (2023) investiga como o ensino de matemática no Brasil

ISSN 1984-1566 (on-line)

sustenta as condições necessárias ao sistema capitalista. A autora analisa como práticas educativas reforçam desigualdades sociais e condicionam estudantes à submissão no mercado de trabalho, alinhando-os às necessidades do sistema.

A pesquisa, centrada na Análise de Discurso de linha francesa, explora como o discurso educacional constrói realidades sociais. Embora faça referência a Karl Marx, a obra de Kuhn vai além de uma abordagem marxista clássica, recorrendo a autores como Nancy Fraser e Rahel Jaeggi para discutir as estruturas capitalistas, além do conceito de "capital cultural" de Pierre Bourdieu, que descreve o currículo de matemática como um mecanismo de controle social e perpetuação de desigualdades.

Kuhn aborda como o ensino de matemática pode reforçar estruturas sociais, ajustando alunos às exigências do sistema capitalista. Essa pesquisa contribui diretamente para a análise ao mostrar como práticas de ensino, organizadas por regimes de verdade, moldam comportamentos e percepções dos alunos em alinhamento com demandas externas, como as do mercado de trabalho. Assim, essa investigação permite compreender como práticas de governamento no ensino de matemática configuram subjetividades e normas, reforçando dinâmicas de controle e adaptação ao sistema.

E por fim, uma pesquisa que amarra muitas dessas discussões é a da Camila Coradetti Manoel (2023), que vai direto ao currículo e mostra como ele é atravessado por racionalidades econômicas que moldam sujeitos específicos.

Na obra *Os Discursos Econômicos Constituídos Historicamente e os Currículos Brasileiros de Matemática: As Propostas de Racionalidades para o Homo Oeconomicus*, Camila Coradetti Manoel investiga como os currículos de matemática no Brasil acabam sendo atravessados por discursos econômicos que não surgiram agora, mas que foram se formando ao longo do tempo. Ela mostra que esses discursos, vindos do liberalismo e depois do neoliberalismo, moldam jeitos específicos de pensar e agir, ou seja, produzem sujeitos. E esses sujeitos não aparecem do nada: eles são desenhados dentro da escola, inclusive nas aulas de matemática.

A autora propõe que, por trás dos conteúdos ensinados, existe uma lógica que molda o *homo oeconomicus*, sujeito orientado a funcionar no mercado, tomar decisões racionais, competir, otimizar o tempo e se responsabilizar pelos próprios

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

resultados. Esse sujeito se manifesta em diferentes versões, como *homo politicus*, *homo numericus*, *homo consumens* e *homo egoisticus*, revelando fragmentos do ideal neoliberal de indivíduo.

A partir de uma análise arqueogenalógica de documentos como a LDB, os PCNs e a BNCC, a autora identifica como esses discursos se repetem e se consolidam nos currículos. O que pode parecer uma escolha pedagógica neutra, na realidade, carrega uma racionalidade que prepara os estudantes para uma sociedade baseada em desempenho, competição e produtividade.

Essa perspectiva ajuda a compreender como a cobrança em torno da matemática pode ser internalizada como autogovernamento: os sujeitos passam a se responsabilizar pelos próprios resultados, buscando se adequar ao ideal de estudante produtivo e eficiente. A matemática, nesse sentido, opera como tecnologia que mede a adequação às expectativas normativas, articulando currículo, desempenho e racionalidades sociais mais amplas.

O trabalho de Coradetti Manoel contribui para compreender que os currículos não são neutros, mas estratégias de governamento que moldam modos de ser. Ao mostrar como discursos econômicos permeiam o ensino, a autora permite compreender como a matemática contribui para reforçar determinados modos de vida, especialmente em relação à cobrança, ao medo de fracasso e à vergonha de não atender às expectativas.

Em conjunto, Kuhn e Coradetti Manoel evidenciam que as discussões sobre matemática e "utilidade" não são neutras: elas se articulam a projetos de sociedade e a racionalidades que organizam currículo, avaliação e desempenho. Ao deslocar o olhar do conteúdo para as condições históricas de produção dessas verdades, essas pesquisas reforçam a necessidade de problematizar que tipo de sujeito é convocado a existir quando a matemática é alinhada a ideais de produtividade, competição e responsabilização individual.

Eixo 3 — Resistências, contracondutas e pluralização dos saberes matemáticos

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

Se, por um lado, as pesquisas anteriores evidenciam mecanismos de regulação, por outro, algumas produções abrem espaço para pensar deslocamentos. Neste eixo, reunimos estudos que tensionam a matemática única e universal e analisam experiências que produzem brechas no currículo e nas práticas escolares, seja pela problematização da competição e de seus efeitos, seja por movimentos de contraconduta ligados à etnomatemática e à história da matemática.

A pesquisa de Patrícia Lima da Silva (2023), em sua tese de doutorado sob orientação da professora Dra. Claudia Glavam Duarte, analisa as Olimpíadas de Matemática no Brasil através da intersecção entre competição e ensino. Silva argumenta que essas competições funcionam como dispositivos educacionais que colocam a matemática em foco, criando oportunidades de intensificação do estudo. Em sua análise, as olimpíadas vão além de eventos competitivos, atuando como catalisadoras de uma cultura colaborativa e motivadora, onde os estudantes se engajam profundamente com a matemática. A pesquisa sugere que esse envolvimento pode transformar o ensino da disciplina ao promover pensamento crítico, autonomia e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais nos alunos.

Desta forma, a autora propõe os conceitos de "exercit(ações)" e "estudante-egiptólogo" para descrever como os alunos, ao participar das olimpíadas, se envolvem de forma intensiva com o estudo da matemática. Silva observa que, ao se dedicarem à resolução de problemas, os alunos são convidados a explorar questões matemáticas sem a necessidade de aplicação imediata, permitindo um aprofundamento que transcende a lógica escolar tradicional. Além disso, ela destaca como essas competições podem gerar um ambiente de estudo que escapa parcialmente à lógica neoliberal de competição, apesar de estarem inseridas nesse contexto.

A pesquisa de Silva discute como competições matemáticas podem gerar um ambiente que combina meritocracia com colaboração e desenvolvimento de habilidades críticas. Essa relação é significativa porque mostra como práticas educacionais podem, simultaneamente, reforçar dinâmicas de competição e abrir espaço para subjetividades mais críticas. Ao investigar as olimpíadas sob a perspectiva foucaultiana, o estudo oferece um exemplo de como práticas de governamento podem ter efeitos complexos, regulando comportamentos, mas

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

também incentivando uma possível emancipação educacional, um ponto de interseção com o objetivo desta pesquisa.

Essa tensão entre regulação e possibilidade de ruptura aparece com força também na obra da Juliana Batista Pereira dos Santos (2020), que se volta à etnomatemática e história da matemática como formas de resistência dentro da escola.

Na tese *Etnomatemática e História da Matemática: Movimentos de Contraconduta na Educação Básica*, Juliana propõe pensar como essas duas áreas — a Etnomatemática e a História da Matemática — podem funcionar como formas de resistência no ensino. Ela investiga práticas pedagógicas que colocam em xeque a matemática única e tradicional, que costuma ser apresentada nas escolas como a única forma válida de saber.

A autora trabalha com a ideia de contraconduta, vinda de Foucault, e articula isso com os jogos de linguagem de Wittgenstein pra mostrar que outras formas de matematizar são possíveis. Mais do que isso: essas formas já existem, embora muitas vezes sejam apagadas ou desvalorizadas. Ela aplica sete propostas de ensino em duas escolas públicas do RS e, a partir dos relatos de 210 estudantes, analisa o que emerge dessas práticas. O que aparece são experiências como resolver problemas históricos, inventar formas próprias de fazer contas ou pensar a matemática a partir de contextos culturais que normalmente não entram na sala de aula. Santos afirma que "essas práticas possibilitam aos estudantes perceber a matemática como um saber plural, situado e com diferentes formas de produção" (Santos, 2020, p. 127).

Essa pesquisa nos ajuda a pensar em caminhos que desafiem o que é considerado o "certo" na matemática escolar. Nesse sentido, é importante reconhecer que, além do trabalho de Santos, há outras abordagens da Etnomatemática que dialogam com perspectivas foucaultianas, como as desenvolvidas por Gelsa Knijnik. Embora o foco deste trabalho não aprofunde essa vertente específica, reconhece-se sua relevância, especialmente nos debates sobre práticas escolares que resistem à racionalidade neoliberal e aos modos de governamento presentes no currículo oficial.

Esse diálogo com Knijnik também reforça a importância de considerar as

múltiplas dimensões da Etnomatemática, especialmente quando se busca problematizar práticas escolares e racionalidades de governamento. Nessa direção, destacam-se abordagens que, em diálogo com Foucault, procuram compreender como práticas educacionais podem abrir brechas para pensar a governamentalidade de maneira distinta, criando rupturas e possibilidades de outros modos de existir na escola.

Em diferentes pesquisas que discutem experiências escolares com a matemática, aparecem enunciados que colocam esse saber como inacessível para alguns sujeitos ou como algo que "vem de fora", reforçando sentimentos de não pertencimento. A pesquisa de Juliana Santos ajuda a tensionar esse cenário ao mostrar que, quando a matemática é tratada como um saber que pode ser produzido de diversas formas, abrem-se possibilidades para que estudantes se reconheçam como participantes e produtores de conhecimento. Nessa chave, a contraconduta aparece como gesto de deslocamento das verdades instituídas sobre quem pode (ou não) aprender matemática.

Tomadas em conjunto, essas pesquisas mostram que a resistência não aparece fora do campo de poder, mas no interior dele, como movimento de deslocamento das verdades estabilizadas sobre o que conta como matemática e sobre quem pode aprender. Ao reconhecer a pluralidade de formas de matematizar, esses estudos sugerem implicações pedagógicas importantes: abrir espaço para diferentes modos de produzir conhecimento pode enfraquecer lógicas excludentes e ampliar possibilidades de participação na escola.

Eixo 4 — Discursos pedagógicos, práticas docentes e disciplinamento do ensinar/aprender

Neste eixo, agrupamos pesquisas que colocam em foco os discursos pedagógicos e as práticas docentes, mostrando como modos de dizer e de organizar o ensino (autoritarismo, memorização, "boas metodologias", disciplina do corpo, padronização) produzem normas, hierarquias e posições de sujeito. A seguir, a dissertação de Genilson Viana da Silva (2021) contribui para esse debate ao analisar como o discurso do professor participa da constituição do ensino de matemática e

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

das relações com os estudantes.

Na dissertação *Uma Investigação sobre o Discurso do Professor de Matemática*, Genilson Viana da Silva (2021) analisa como os modos de enunciação dos professores, os discursos que eles usam em sala, influencia o modo como a matemática é ensinada e aprendida. Ele identifica três tipos principais de discurso: o autoritário, o polêmico e o lúdico. O autor evidencia que esses estilos de falar não são só formas de comunicação, mas também modos de exercer poder, organizar saberes e construir relações com os alunos.

A pesquisa, organizada em formato multipaper, parte de uma análise qualitativa de situações de sala de aula e de entrevistas com professores. Os resultados indicam a predominância do discurso autoritário, no qual o professor ocupa centralmente o lugar de enunciação e os estudantes assumem posição mais passiva. Ao mesmo tempo, também emergem momentos em que aparecem discursos mais polêmicos ou lúdicos, abrindo possibilidades de maior interlocução, reflexão e deslocamento nas formas de ensinar matemática.

Silva se apoia em autores como Michel Pêcheux e Eni Orlandi pra pensar que o discurso pedagógico não é neutro. Ele diz que "as palavras do professor se transformam em sentidos que se entrelaçam com os sentidos dos alunos" (Silva, 2021, p. 35), e é nesse entrelaçamento que o saber acontece, ou não acontece. Os discursos são atravessados por ideologias, por verdades instituídas, por modos de ver o mundo que estão ali mesmo quando ninguém está falando diretamente sobre eles.

A análise proposta por Genilson Viana da Silva permite compreender que o discurso autoritário não apenas organiza o conteúdo, mas também delimita posições: quem pode falar, quem pode duvidar e quais sentidos são autorizados a circular. Assim, o discurso funciona como ferramenta de controle e de produção de hierarquias; mas, ao mesmo tempo, a emergência de modos polêmicos e lúdicos de dizer abre brechas para outras formas de relação com o saber matemático.

Na tese *As práticas de memorização no ensino de matemática*, Alice Sartori (2019) analisa como a memorização foi sendo tratada nos discursos pedagógicos da revista *Nova Escola*, entre 1986 e 2015. Ela mostra que, ao longo do tempo, o jeito

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

de falar sobre memorizar mudou bastante, passou de algo visto como fundamental para algo associado ao ensino mecânico, criticado e até visto como ultrapassado. Entretanto, como ela aponta, essas mudanças não são neutras. Os discursos em torno da memorização carregam marcas ideológicas, produzem modos de ensinar e de aprender, e vão afetando a forma como os sujeitos se constituem dentro da escola.

A autora usa a perspectiva foucaultiana pra mostrar que até práticas que parecem simples, como a memorização de tabuadas ou fórmulas, também fazem parte de um jogo de verdade. Como ela diz, "não há prática pedagógica que esteja fora dos jogos de verdade que se estabelecem num dado momento histórico" (Sartori, 2019, p. 41). Então, o que parece só técnica, na verdade está atravessado por discursos que moldam o que se espera do aluno, do professor e da própria matemática.

A análise de Sartori evidencia que a memorização, mesmo quando criticada por discursos pedagógicos mais recentes, permanece operando como prática escolar e como marcador de valor: ela define expectativas sobre "bom aluno", "bom desempenho" e "aprendizagem correta". Nesse sentido, os enunciados sobre memorização produzem efeitos na forma como sujeitos se relacionam com a matemática, ora como exigência de adequação, ora como fonte de frustração e exclusão.

A pesquisa de Sartori evidencia que essas práticas, que muitas vezes parecem apenas pedagógicas, também funcionam como formas de controle. Elas definem quem está dentro ou fora da norma, quem aprende "certo" e quem é visto como inadequado. E tudo isso vai deixando marcas na forma como os estudantes se veem, e como se relacionam com a matemática.

Essa relação entre práticas "naturais" de ensino e a produção de normas e verdades também aparece com força no trabalho da Fernanda Longo (2019), que volta o olhar para as professoras dos anos iniciais e os discursos que as atravessam.

Na dissertação *A docência em matemática nos anos iniciais*, Fernanda Longo analisa os discursos que atravessam o trabalho de professoras de Matemática nos anos iniciais, especialmente em escolas privadas. Ela parte da ideia de que há enunciados que vão se repetindo tanto nos discursos pedagógicos quanto nas

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

práticas em sala de aula, e que, de tanto circularem, acabam sendo tomados como verdades. A autora propõe estranhar esses discursos, desnaturalizar o que parece dado, e entender como essas verdades atuam na formação das professoras e nas escolhas pedagógicas que elas fazem.

Como ela mesma escreve, sua pesquisa busca "desnaturalizar e estranhar estes enunciados que encontram terreno para irromper nas escolas e se configuram como inquestionáveis no campo da Educação" (Longo, 2019, p. 11). Esses enunciados falam, por exemplo, da importância dos materiais concretos ou da necessidade de registros formais, práticas que, à primeira vista, parecem neutras, mas que, segundo a autora, também fazem parte de um regime de verdade. Um regime que conecta saberes, expectativas e até certas ideias de inovação muito ligadas ao discurso neoliberal de eficiência e desempenho.

A leitura de Longo contribui para compreender o lugar do professor como sujeito atravessado por normatizações e expectativas de desempenho. Ao analisar os enunciados que circulam sobre "boas práticas", materiais concretos, registros, inovação, a autora evidencia como certos discursos responsabilizam docentes e, ao mesmo tempo, limitam as possibilidades de fazer diferente, produzindo um ideal de "bom professor de matemática" alinhado a verdades instituídas no campo educacional.

A reflexão da autora reforça a compreensão de que a matemática não é apenas conteúdo, mas também discurso, e que tanto quem ensina quanto quem aprende vai se constituindo dentro de jogos de verdade que, muitas vezes, parecem não ter saída. E é justamente aí que reside a importância de interrogar esses discursos, abrir fissuras e imaginar outras formas possíveis de ensinar e viver a matemática na escola.

A forma como a matemática se conecta a dispositivos de normalização também aparece na dissertação de Fernando Carneiro (2017), que analisa esse processo dentro do ensino bilíngue para alunos surdos.

Na dissertação *O Ensino da Matemática para Alunos Surdos Bilíngues*, Fernando Carneiro parte de Foucault, Wittgenstein e dos Estudos Surdos para analisar como se dá o ensino da matemática pra estudantes surdos numa escola

ISSN 1984-1566 (on-line)

bilíngue. Ele analisa tanto os discursos das professoras quanto documentos da escola, tentando entender como a matemática, mesmo com adaptações visuais, ainda carrega um jeito de ensinar muito marcado pela disciplina, pelo controle, por uma lógica de normatização. Ainda que haja adaptações formais, permanecem estruturas de poder e normalização no processo de ensino.

Ele mostra que, apesar da proposta bilíngue, o ensino segue padrões muito parecidos com os da educação de ouvintes. Usa-se bastante material concreto, muita visualidade, mas sempre dentro de uma lógica de padronização. A matemática vira um campo onde se espera que todo mundo aprenda da mesma forma, no mesmo ritmo, e aí as diferenças, culturais, linguísticas, subjetivas, acabam ficando de lado.

Carneiro evidencia que, mesmo em propostas que se anunciam inclusivas, como o ensino bilíngue para estudantes surdos, ainda podem persistir lógicas de padronização e normalização do aprender matemática. A expectativa de um "aluno ideal", que acompanha o ritmo, responde ao modelo e se ajusta às formas legitimadas de aprendizagem, produz efeitos de exclusão para aqueles que não se encaixam, reforçando sentimentos de inadequação e consolidando a matemática como dispositivo disciplinar.

Ao evidenciar que, mesmo em propostas voltadas à valorização da diferença, persistem lógicas de uniformização, Carneiro contribui para explicitar o quanto o ensino de matemática permanece atravessado por discursos normativos. Tais discursos incidem sobre diferentes corpos e experiências, produzindo modos de ser e aprender que tendem a ser avaliados a partir de um molde previamente legitimado.

Esse trabalho contribui para evidenciar que não se trata apenas de uma questão de acessibilidade ou de metodologia, mas também de relações de poder que atravessam o ensino da matemática. Assim, a matemática pode ser usada para organizar condutas, silenciar certas experiências e produzir sujeitos ajustados a determinadas normas.

Essa articulação entre corpo e saber, norma e disciplina, também é central na dissertação de André Alan Lopes dos Santos (2017), que vai observar isso num colégio militarizado, pensando a matemática como dobradiça entre o saber e o corpo.

Entre os trabalhos que contribuem para pensar os modos como o ensino da

matemática pode operar como tecnologia de disciplinamento e controle, destaca-se a dissertação de André Alan Lopes dos Santos, intitulada *Repetição, silêncio, concentração, organização: articulações entre a Disciplina-Corpo e a Disciplina-Saber (Matemática) no Colégio Feliciano Nunes Pires*. Com base em Michel Foucault e mobilizando a análise do discurso em articulação com observações e entrevistas realizadas em uma escola militarizada, o autor se debruça sobre os mecanismos pelos quais a disciplina do corpo e a disciplina do saber se entrelaçam.

No contexto analisado, práticas como o silêncio, a repetição e a organização, elementos centrais na rotina militar, atravessam o ensino da matemática e operam como técnicas de conformação dos sujeitos, produzindo corpos dóceis e saberes legitimados.

A investigação evidencia que a matemática, nesse cenário, não é apenas conteúdo, mas uma engrenagem que integra o aparato disciplinar da escola militar. O autor propõe a imagem da "dobradiça" para pensar a articulação entre corpo e saber: é no ponto de contato entre os modos de disciplinar os corpos e os modos de organizar os saberes que a matemática escolar atua, ao mesmo tempo como instrumento e efeito de sujeição. Essa análise se mostra relevante para compreender como certos discursos e práticas pedagógicas, mesmo que naturalizados como "boas metodologias", podem participar ativamente de uma lógica de normalização, afetando profundamente os modos de subjetivação dos estudantes.

Ao reunir esses estudos, percebe-se que o "como se ensina" é também um modo de governar: discursos pedagógicos, rotinas escolares e dispositivos disciplinares organizam a participação, definem o que conta como aprendizagem e delimitam quem pode falar, errar, duvidar e construir saber. Nesse sentido, as pesquisas do eixo reforçam que discutir Educação Matemática implica discutir também relações de poder que atravessam a sala de aula e produzem efeitos duradouros na experiência dos sujeitos com a matemática.

Considerações finais

Nesse sentido, o presente Estado do Conhecimento contribui para compreender que os discursos sobre a matemática, longe de se restringirem ao

ISSN 1984-1566 (on-line)

campo dos conteúdos escolares, também operam como redes de governo que produzem práticas, expectativas e modos de subjetivação. Ao reunir pesquisas que tratam de avaliação, quantificação, currículo, práticas docentes, disciplinamento, resistência e contraconduta, o estudo evidencia que a Educação Matemática pode ser lida como um campo atravessado por regimes de verdade que organizam tanto o ensinar quanto o aprender.

O mapeamento realizado permitiu visualizar que uma parte significativa das produções analisadas se concentra em problematizar dispositivos de avaliação, desempenho e normalização, mostrando como esses mecanismos classificam, hierarquizam e regulam condutas. Em outra direção, as pesquisas também revelam que o currículo de matemática não é neutro, mas atravessado por racionalidades econômicas e sociais que projetam determinados modos de ser estudante, professor e cidadão. Ao mesmo tempo, estudos voltados à etnomatemática, à história da matemática e a experiências pedagógicas que tensionam a lógica única e universal do saber matemático apontam para a existência de brechas, deslocamentos e possibilidades de resistência.

Esses movimentos permitem afirmar que a contribuição deste artigo não está apenas em reunir produções dispersas, mas em oferecer uma leitura analítica capaz de evidenciar aproximações, recorrências e tensionamentos no campo. Nesse aspecto, o Estado do Conhecimento aqui apresentado ajuda a explicitar uma lacuna importante: embora existam pesquisas relevantes sobre discurso, governamentalidade e Educação Matemática, essas articulações ainda aparecem de forma relativamente dispersa e nem sempre avançam para uma síntese interpretativa mais ampla sobre suas implicações pedagógicas e curriculares.

Do ponto de vista educacional, os resultados reforçam a importância de problematizar os efeitos que determinados discursos matemáticos produzem nas práticas escolares. Quando a matemática é associada apenas ao desempenho, à memorização, à competição ou à adaptação a padrões normativos, tende a reforçar processos de exclusão e sentimentos de inadequação. Por outro lado, quando se reconhece que esse saber também pode ser plural, situado e culturalmente produzido, ampliam-se as possibilidades de participação, reconhecimento e produção de outros modos de ensinar e aprender.

Além disso, este estudo evidencia a necessidade de ampliar investigações que articulem, de forma mais consistente, currículo, governamentalidade, formação docente e processos de subjetivação no campo da Educação Matemática. Tal ampliação pode contribuir não só para o aprofundamento teórico das pesquisas, mas também para o fortalecimento de análises que considerem as implicações institucionais, pedagógicas e curriculares dos discursos que circulam em torno da matemática na escola e na formação de professores.

Por fim, ao sistematizar e problematizar as produções acadêmicas selecionadas, este artigo reforça que pensar a Educação Matemática a partir das tramas discursivas que a atravessam é também reconhecer que os modos pelos quais ensinamos, avaliamos e significamos a matemática participam ativamente da produção de sujeitos e de projetos de sociedade. É nesse horizonte que se sustenta a relevância de novas pesquisas que continuem interrogando os efeitos de verdade produzidos no campo e as possibilidades de abertura para outras experiências formativas.

Referências

BACCA, Paula Cristina. **Dispositivo estatístico-educacional: uma quali-quantificação da Educação Matemática.** 2022. 208 f. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

BARROS, André Matias Evaldt de. **Efeitos de poder e subjetivação dos discursos de evasão de cursos de licenciatura em matemática do IFRS.** 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1375. Acesso em: 20 ago. 2025.

CARNEIRO, Fernando Henrique Fogaça. **O ensino da matemática para alunos surdos bilíngues: uma análise a partir das teorizações de Michel Foucault e Ludwig Wittgenstein.** 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CIRÍACO, Klinger Teodoro. Cuidar e educar matematicamente na Educação Infantil: a emergência de um conceito! **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 26, e8000, 2024. DOI: http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.8000

CORADETTI MANOEL, Camila Aparecida Lopes. **Os discursos econômicos constituídos historicamente e os currículos brasileiros de matemática: as propostas de racionalidades para o homo oeconomicus.** 2023. 148 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KLEIN, Delci Heinle. **IDEB e maquinarias: a produção, a quantificação e a expressão da qualidade da educação brasileira.** 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

KNIJNIK, Gelsa. Educação matemática, exclusão social e política do conhecimento. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 14, n. 16, p. 12–28, 2001.

KUHN, Leticia Diello. **As contribuições do ensino de matemática para a manutenção do sistema capitalista.** 2023. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

LONGO, Fernanda. **A docência em matemática nos anos iniciais: enunciados que a constituem.** 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MOROSINI, Marilia Costa. Estado de conhecimento e questões do campo científico. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 101-116, jan./abr. 2015. DOI: http://dx.doi.org/10.5902/1984644415822

MOROSINI, Marília; KOHLS-SANTOS, Pricila; BITTENCOURT, Zoraia. **Estado do conhecimento: teoria e prática.** Curitiba: Editora CRV, 2021.

OLIVEIRA, Júlio César Gomes de; SILVA, Márcio Antonio da. O estudante desejável constituído pelo discurso da educação matemática crítica. **Revista Zetetiké**, Campinas, v. 27, p. 1–18, 2019.

SANTOS, Juliana Batista Pereira dos. **Etnomatemática & história da matemática: movimentos de contraconduta na Educação Básica.** 2020. 304 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SARTORI, Alice Stephanie Tapia. A**s práticas de memorização no ensino de matemática: reconfigurações nos discursos da revista Nova Escola.** 2019.

REVISTA PEDAGÓGICA
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó
ISSN 1984-1566 (on-line)

251 f. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SILVA, Daniella Thiemy Sada da. **Um estudo sobre enunciados que permeiam a permanência e a não permanência de alunos no curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS.** 2020. 225 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Instituto de Matemática e Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SILVA, Genilson Viana da. **Uma investigação sobre o discurso do professor de Matemática.** 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021. Disponível em: http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3935. Acesso em: 5 mar. 2026.

SILVA, Patrícia Lima da. **Entre olimpíadas de Matemática e exercícios: exercit(ações)² de um estudante-egiptólogo.** 2023. 278 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

SOUZA, Deise Maria Xavier de Barros; SILVA, Marcio Antonio da. Prática avaliativa de matemática: um dispositivo pedagógico de subjetivação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 793-807, abr./jun. 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/2175-623659116

Submetido em: 14-11-2025

Aprovado em: 21-02-2026

© 2026 Programa de Pós-Graduação em Educação da Universitária Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó
Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.